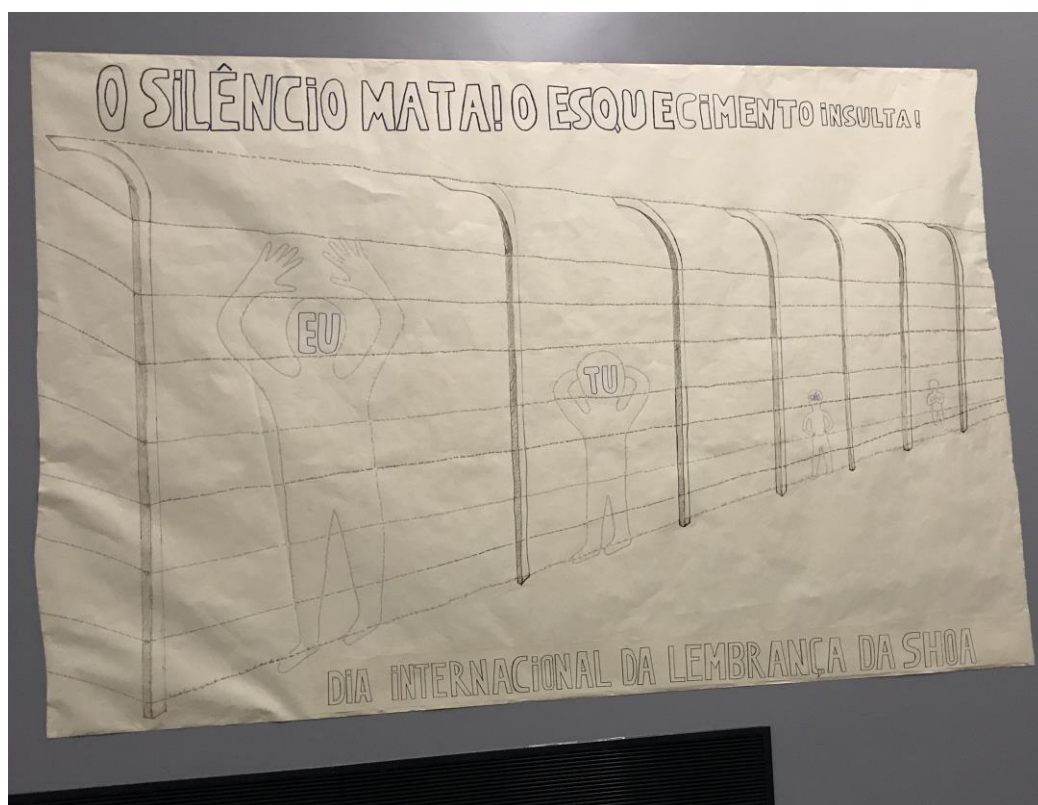


O Silêncio Mata



Dia da Memória das Vítimas do Holocausto

O anúncio de que o AEC seria anfitrião da sessão evocativa da Memória das vítimas do Holocausto, com intervenções/debates dinamizados pela DGE e pela APH, foi acolhido como uma boa oportunidade para suscitar junto dos alunos a reflexão sobre um dos acontecimentos mais traumáticos do século XX, e da História da Humanidade.

Esta foi sentida imediatamente como uma boa oportunidade, já que significava uma proposta de abordar temáticas que geram muito interesse junto dos alunos, o qual, embora vago e pouco estruturado, vai sendo alimentado por referências geradas pela cultura de massas, sobretudo cinematográfica e televisiva. Tinha potencial de concitar uma maior atenção dos alunos e gerar um maior interesse, quer devido ao fator novidade, que receber pessoas de fora da escola sempre implica, quer à disrupção de um quotidiano de aulas por vezes rotineiro e em acelerado processo de fadiga. Da perspetiva de um aluno, esse quotidiano representa sempre as mesmas caras e as mesmas vozes de professores, ainda que estes abordassem uma temática do seu interesse, como o Holocausto. Oportunidade ainda pelo significado que tem a abertura da escola à comunidade e trazer a comunidade para dentro da escola, trilho que ainda tem caminho a percorrer, caminho em que se adivinha um destino virtuoso, e que se deseja renovado.

No entanto, esta boa oportunidade poderia ficar, ainda assim, aquém do seu potencial se não provocasse, ou se não significasse um desafio lançado à escola, e por escola leia-se aos alunos, naturalmente, para uma participação destes com agência nesta rememoração, para que a reflexão que se pretendia suscitar partisse de dentro, não ficando limitada a aspirar a uma sua reação a estímulos exteriores. Ou seja, era importante que os alunos fizessem parte e não apenas participassem, que o ponto de partida providenciado pela História tivesse a Cidadania por meta.

Pessoas e Palavras

A disciplina de História trabalha, essencialmente, com pessoas e com palavras. Começamos por Holocausto, ou melhor, pela Shoá, pois esta é a designação que vamos introduzindo no vocabulário dos alunos e nos seus referenciais para que, gradualmente, faça o seu percurso de significância na designação dos acontecimentos que envolveram o programa de extermínio étnico perpetrado pelo regime Nacional-Socialista alemão. Não é um capricho bizantino esta mudança de um termo consolidado pela tradição. Holocausto é a imolação de um animal pelo fogo, em sacrifício, ritual que tem um significado - isto além de uma série de outras considerações a ter em conta e que não cabem aqui -, que tem um propósito, que serve uma causa maior que a vida do animal sacrificado.

As palavras têm significado, pelo que insistir na designação Holocausto é em certa medida justificá-lo e, justificar o Holocausto, é justificar o injustificável. É fazer parte de um quadro mental que acaba por contribuir para legitimar a ilegitimidade absoluta, vestir com uma racionalidade o supremo irracional, reconhecer um propósito, um sentido último ao expoente do absurdo. A designação Holocausto implica todas estas dimensões e nós, enquanto professores de História, espécie de guardiões da memória e agentes do futuro, não temos o direito a usar as palavras sem, pelo menos, a consciência do seu peso.

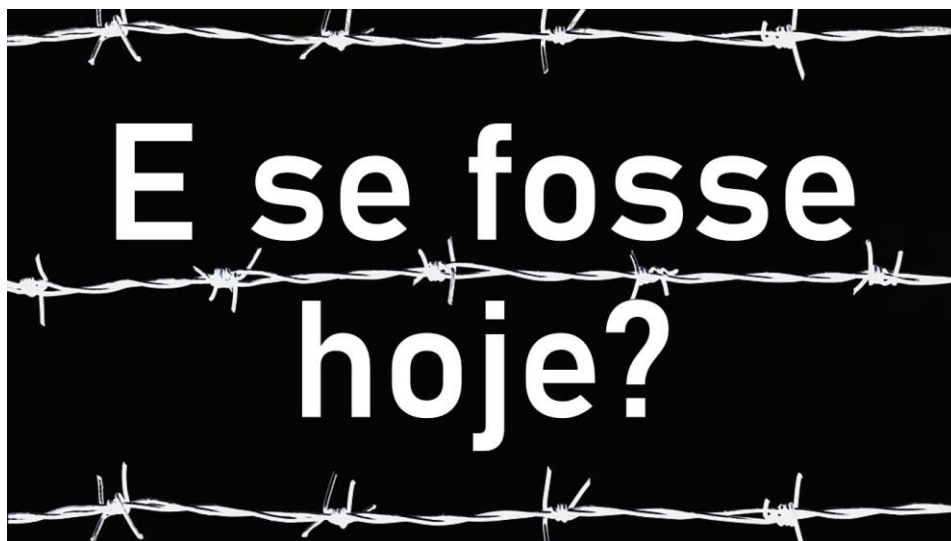


A ideia de que as palavras têm um significado, de que não são neutras, ou inertes, é um 'mantra' que há já bastante tempo vou repetindo, insistentemente, junto dos alunos. Acompanho esta repetição, nos momentos certos, de uma desconstrução das formulações verbais que por vezes usam, realçando-lhes certas dimensões problemáticas de significado, de polissemia, até de sintaxe, as quais passavam despercebidas à sombra dos significantes. Este exercício envolve, uma vez por outra, *reductio ad absurdum*, uma estratégia que, usada com moderação, atrai os alunos pelo choque, pelo potencial plástico da linguagem, pela "piadola" que se gera no diálogo. Gera sorrisos, mas não é inócuo.

A Shoá é um tema que envolve uma escala de degradação e destruição humanas que, na realidade, é incompreensível, mas a qual não podemos deixar de apreender intelectualmente. E isto levanta-nos um dilema difícil de resolver. Abordar a Shoá de um ângulo puramente intelectualizado perderá de vista a dimensão humana do fenómeno, arrisca-se a uma frieza insensível, desumanizadora das vítimas, secundarizadas pela dialética de causas e consequências. Por outro lado, resultará numa visão incompleta, quer devido à dimensão de profunda irracionalidade que envolveu todo o processo da Solução Final, quer pela irrealidade de uma mortalidade que ascende à casa dos milhões, escala cuja impossível compreensão levará à sua mera redução a números sem âncora na humanidade partilhada por cada um de nós com as vítimas. E a Shoá não foi só algo que aconteceu, foi algo que foi feito a alguém.

Encarar a Shoá de um prisma puramente emocional tem o inegável potencial de mobilizar os alunos pelo choque, pela violência das imagens da tragédia suscitadoras de reações *voyeuristas*. E vestígios iconográficos horríveis não faltam. Mas o horror das imagens chocantes da degradação e destruição humanas é imediato, tendo a sua repetição limites estreitos enquanto ferramenta de aprendizagem e de compreensão da realidade, mormente em jovens saturados por consumos culturais quase reduzidos ao estímulo visual. O recurso reiterado a estímulos de tipo emotivo, assentes em imagens de forte carga dramática, leva, necessariamente, devido à violência do desafio a que sujeita a sensibilidade de qualquer pessoa, ao entorpecimento e dormência. As imagens dirão o quê, uma parte do quem, mas não dizem o porquê. Uma abordagem puramente emocional cai inevitavelmente num lirismo que torna a reflexão, a compreensão e a comunicação da Shoá num exercício meramente estético. É necessário que os alunos aprendam a compreender a dureza da realidade sem cair na abstração lírica do mito.

É indispensável, portanto, e em primeiro lugar, continuar a abordar a Shoá no ano de 2022. Em particular se tivermos em mente a ressonância especial que uma palavra como negacionismo tem nos dias de hoje. Não esqueçamos que o termo foi cunhado para designar os que nega(ra)m que a Shoá tenha acontecido. Em segundo lugar, é fundamental que a abordagem à Shoá uma palavras e pessoas, ou seja, a dimensão do intelecto e dos significados e a sensibilidade para com a humanidade que partilhamos com as vítimas e com os perpetradores, pois não foram monstros que levaram a cabo a Solução Final, foram pessoas. Gerar a compreensão de que as palavras elevam as pessoas, através dos Direitos Humanos, mas também que as palavras foram usadas para as destruir, desumanizando-as. Só combinando estas dimensões se promove e constrói uma reflexão verdadeiramente crítica.



3ºC

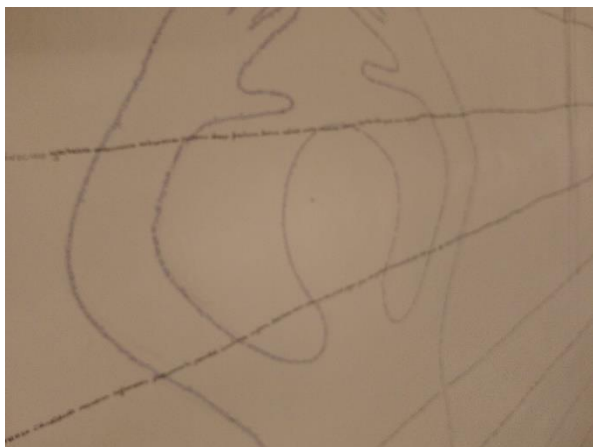
O 3ºC é uma turma mista do Ensino Profissional que reúne os cursos de Turismo e de Ação Educativa. Os alunos do curso de Turismo têm, no seu plano curricular, a disciplina de História da Cultura e das Artes. Sendo um grupo pequeno, possibilita uma relação pedagógica quase individualizada e tem permitido, ao mesmo tempo, uma abordagem que tem apostado, o mais possível, no imediatismo da relação com o objeto artístico, isto é, a cada módulo, a cada nova corrente estética e artística abordada, propiciar a deslocalização pedagógica das aprendizagens para junto do património histórico, museus, espaços urbanos, etc. Isto quando a pandemia permite.



Neste sentido da valorização da dimensão imediata da experiência de aprendizagem, foi proposto aos alunos concretizarem, eles mesmos, num objeto físico, ou seja, num painel de grande dimensão a expor à comunidade educativa, uma reflexão crítica sobre a Shoá. Esta, partindo dos seus conhecimentos base sobre a temática, deveria materializar aprendizagens desenvolvidas na disciplina, nomeadamente, a reificação do conceito de perspetiva, pedra angular da conceção estética dominante da arte europeia até ao século XX, visível e interpretável nas centenas de imagens abordadas nas aulas, em museus e Igrejas visitados e explorados até ao momento.

Tendo sempre em mente os pilares Palavras e Pessoas, o primeiro passo foi estimular a ativação da memória, a troca de ideias, a reflexão e o registo de uma nuvem semântica de palavras suscitadas pela memória coletiva da Shoá. As primeiras palavras foram partos difíceis, mas a dinâmica de grupo, o diálogo, a crítica mútua, fizeram chegar as palavras reconhecidas como descritores/definidores da Shoá a várias dezenas. Unânime foi a ideia de que vedação do campo de concentração representava um símbolo e referencial visual globalmente reconhecível da Shoá. E a proposta feita aos alunos de representar um campo de concentração com palavras soou estranha, mas já não absurda. Por outro lado, a economia de recursos que o projeto envolvia tornava a possibilidade da sua concretização plausível: uma folha de papel de cenário, lápis, borrachas e esferográfica. À medida que alguns alunos uniam as mesas da sala de aula para criar um estirador de grandes dimensões, outros iam buscar o grande rolo de papel, outros ainda tentavam encontrar uma forma de desenhar longas linhas minimamente direitas, gerou-se uma dinâmica de que “aquilo” ia realmente acontecer e um esboço grosseiro, a lápis, no reverso de uma folha, cujo verso fora já usado até, mostrava que era possível.

Achado o ponto de fuga, que daria maior realismo ao mural, eco de dezenas de aulas dedicadas a analisar pintura, traçadas as sinistras linhas horizontais do arame, mas também as verticais dos postes, dividiram-se as tarefas entre os que convertiam as linhas nas palavras escritas no quadro e os que ditavam essas mesmas palavras, as palavras que diziam o absurdo, as palavras que foram prisão de milhões, as palavras que definem, que descrevem, mas que não justificam. Palavras cuja cursividade descuidada emulava as farpas cruéis do arame concentracionário. As palavras sempre repetidas, como a obsessão opressiva com que a propaganda as usou para desumanizar. Visto de perto, as palavras, visto de longe, uma prisão. Uma prisão que parecia real, estendendo-se para longe.



Faltavam ainda as pessoas. E as pessoas, que tinham sido desapossadas por palavras e aprisionadas por palavras de outras pessoas, também tinham de ser feitas de palavras, e retomou-se o processo. A nuvem semântica, nascida da ativação da memória, da troca de ideias e da reflexão, formava-se de um catálogo de perdas, perdidas para muitos e que não houve sequer oportunidades de perder para tantos. Depois, foi escrever as pessoas com palavras que catalogavam as perdas. Visto de longe, a pessoa, visto de perto, a perda.

E se fosse hoje?

Ao acompanhar os alunos na realização do projeto – assim como os professores não podem fazer o trabalho e mostrá-lo à escola como sendo dos alunos, não devem dar instruções e porem-se à margem – e ao pôr com eles a “mão na massa”, partilhando as tarefas, ouvi algo que não podia deixar que ficasse apenas comigo. À vez, os alunos liam as palavras do quadro para os colegas as escreverem como linhas, cada um com a sua voz, com o seu próprio ritmo, a individualidade própria que davam a cada palavra, numa justaposição em que as palavras estabeleciam uma espécie de diálogo imprevisito, sempre o mesmo conjunto repetido de palavras, gerando no meio do silêncio uma massa sonora ritmada, sincopada, de cadência quase encantatória. Um movimento musical em que os protagonistas eram as palavras e as pessoas.

Esse momento, proporcionado pelo acaso, gerou a ideia de criar uma intervenção multimédia para a abertura da sessão comemorativa, projetada pela aparelhagem sonora do auditório, uma intervenção que refletisse o tema geral que o todo o projeto assumia, isto é, as palavras que destruíram foram permitidas pelos silêncios. Era preciso rasgar o silêncio, provocar, causar o desconforto de quem ouvia, lançar o alerta, suscitar a reação, estimular crítica.

Vários alunos gravaram as cerca de quarenta palavras diferentes, lidas sem interpretação, de forma neutra, apenas a palavra e a voz, depois essas faixas foram sobrepostas, fundindo-se as vozes,



fundindo-se os sons, criando sons novos e palavras novas e significados diferentes em desafio a quem ouvia, rasgando o silêncio, enchendo o espaço de forma quase palpável, como uma oração, uma ladainha, ou um cântico, em que o valor negativo das palavras contrastava com a neutralidade asséptica de quem as dizia, gerando um conteúdo denso e opressivo. Ao mesmo tempo, as palavras ditas foram projetadas, acumulando-se visualmente como se acumulavam sonoramente, gerando-se uma amálgama de letras, uma mancha de signos com uma dinâmica surreal. A multiplicidade de estímulos sendo atirada ao auditório como um desafio. De repente, as vozes cortadas, o silêncio, a escuridão na sala e o desafio final: E se fosse hoje?



Finalmente

A concretização do trabalho só foi possível com trabalho em colaboração, com horas de aula e participação efetiva de várias disciplinas, juntando alunos e professores de disciplinas dos dois cursos a trabalhar em conjunto; só foi possível por uma maior flexibilidade curricular dos cursos profissionais, não espartilhados pelo espectro do Exame Nacional; foi possível, pela existência de recursos, dada a economia dos recursos materiais exigidos, sobretudo humanos, nomeadamente ao nível de competências audiovisuais; foi possível, por uma valorização da cidadania enquanto tema; foi possível, por a escola querer aproximar-se da comunidade; foi possível, por se trabalhar com grupos mais pequenos de alunos; foi possível, por relações pedagógicas que valorizam os alunos e os levam a confiar nos professores; foi possível porque a comunidade lançou um desafio à escola e a escola esperava ser desafiada.